

Carbone, M. La chair des images: Merleau-Ponty entre peinture et cinéma. Paris: Vrin, coll. Matière Etrangère, 2011.

Mariana Larison (Pós-doutoranda, USP, São Paulo, São Paulo, Brasil)
malarison@hotmail.com

La chair des images: Merleau-Ponty entre peinture et cinéma, que acaba de sair na coleção Matière étrangère pela Editora Vrin, explora um fecundo campo de pesquisas no interior dos estudos merleau-pontianos. Tal campo, que a obra de Mauro Carbone desde muito tempo contribui de maneira considerável, concerne as relações entre estética e ontologia. Seguindo a linha do seu já clássico *La visibilité de l'invisible* (Hildesheim-Zürich-New York, Olms, 2001), M. Carbone persegue a questão, tudo salvo evidente, do sentido e do alcance da noção de Visibilidade (*Visibilité*) na última filosofia de Merleau-Ponty. Mas o caminho é agora bastante diferente: ao menos desde seu livro anterior, *Proust et les idées sensibles* (Paris, Vrin, 2008), se trata para o autor de pensar profundamente algumas questões abertas pela obra de Merleau-Ponty, mas de desdobrá-las muito além do que foi esboçado pelo próprio filósofo, através de um diálogo com outros pensadores (como Deleuze, por exemplo) ou com outros domínios da experiência contemporânea (como a arte ou a experiência contemporânea do visual).

Assim, se *Proust et les idées sensibles* debruçava-se fundamentalmente sobre a questão das *idéias sensíveis*, seu livro atual, *La chair des images*, tenta situar-se, por sua vez, face ao problema das *imagens*, isso que, na tradição platônica, é justamente o reverso das idéias. Mas, a aposta do livro é ainda maior que aquela indicada unicamente pela questão

das imagens: trata-se sobretudo de pensar as consequências filosóficas da tese, avançada por Merleau-Ponty, segundo a qual no século XX haveria ocorrido uma mutação das relações entre o homem e o Ser. Com efeito, o problema das imagens sensíveis somente ganha sentido à luz – e a palavra não é aqui de maneira alguma inocente – de uma interrogação maior, que não cessa de aparecer ao longo do livro, concernente ao alcance filosófico desta mutação.

Poderíamos então reconstruir a estrutura do questionamento dirigido pelo autor ao último momento da filosofia de Merleau-Ponty a partir de algumas questões: Ao quê faz referência esta mutação da qual fala o filósofo e como será necessário pensá-la se seguirmos, até o final, as consequências da reflexão sobre o Visível? Além disso, como seria possível desdobrar, até o seu limite máximo, tais pesquisas e quais são então as categorias adequadas para expressá-las?

Tais questões são desdobradas e respondidas pelo trabalho de M. Carbone em um conjunto ao mesmo tempo sistemático e harmonioso. O livro está dividido em 6 capítulos e uma introdução. Todos eles podem ser lidos de maneira independente uns dos outros, mas o alcance radical do livro somente pode ser compreendido em sua leitura conjunta.

No primeiro capítulo, "La chair, petite histoire d'une malentendu", M. Carbone estabelece as bases que nos permitem compreender sua tese fundamental, aquela sem a qual o alcance de suas pesquisas não poderia ser apreendido: a interpretação da noção de carne (*chair*) como Visibilidade (*Visibilité*). A tese de M. Carbone afirma de maneira efetiva que a carne, enquanto elemento, deve ser pensada como Visibilidade, e toda a questão é saber como compreender esta Visibilidade.

Cabe aqui lembrar que os trabalhos anteriores de M. Carbone ocuparam-se, de uma certa maneira, de nos preparar o caminho para o pleno desenvolvimento desta tese. Seu *La visibilité du visible* é de maneira evidente um esforço para elucidar esta difícil noção, cuja dificuldade estava presente desde os primeiros trabalhos de Merleau-Ponty. O autor já nos havia mostrado então as primeiras equivalências que iriam conduzir, anos mais tarde, a esta idéia de Visibilidade. Nem objeto nem sujeito (ao menos entendido de uma maneira clássica), ela se revela um fenômeno que reagrupa em si tanto a atividade quanto a passividade, os elementos visíveis mas também as linhas de força que os unem, assim como as obscuridades que os envolvem. Não somente fenômeno, a Visibilidade é também um horizonte, ser diacrítico, feito de diferenças e cristalizações no entanto nunca definitivas. É assim, a partir destas características, que a carne, elemento do Visível, nos permite pensar categorias ontológicas novas, como nos indica o autor.

Mas, qual carne? Esta questão, que surge ulteriormente no texto, parece ser a que orienta o primeiro capítulo do livro, "La chair : histoire d'un malentendu". Aqui, M.

Carbone ocupa-se de desfazer o tradicional mal-entendido que se produziu no pensamento francês em torno da questão da carne. Este mal-entendido exprime-se no importante debate (iniciado por D. Franck e continuado por J.-L. Nancy, J. Derrida et M. Henry) acerca da identificação, no interior da tradição fenomenológica, da noção de carne com aquela de corpo próprio, e de sua inscrição na linhagem da semântica cristã da carne.

O autor busca extrair todas as conseqüências deste debate para expressar o que uma filosofia da carne de matriz merleau-pontiana pode nos ensinar em sua radicalidade: que ela seja a condição de uma reversibilidade sempre iminente e nunca realizada, horizonte de nosso ser em comum, um tecido de relações cuja identidade é desenhada pelas diferenças das diferenças, e que abre um novo espaço heurístico para pensarmos toda política e toda ética enquanto estofo ontológico dos seres.

Assim, a aposta do segundo capítulo, "Il faut beaucoup de temps pour devenir sauvage: Gauguin d'après Merleau-Ponty, Merleau-Ponty d'après Gauguin", é investigar em qual sentido a noção de carne, longe da semântica cristã, pode ser vista como um trabalho de desconstrução desta última.

Esclarecendo uma através da outra, o trabalho de Gauguin e a concepção merleau-pontiana da carne, M. Carbone mostra a diferença fundamental existente entre uma concepção da carne que pensa o sensível como um véu que esconde a transcendência que o encarna e uma outra concepção em que tal cisão não é aceita. Neste sentido, o trabalho de Gauguin, particularmente seu trabalho na Polinésia, nos permitiria ver a carne em sua significação primitiva, em seu parentesco com a pedra ou com a madeira, para então reencontrar aí uma espiritualidade que não é o inverso de seu ser sensível.

Mas como pensar este olhar que nos permitiria ver o caráter de conjunto do sensível e do inteligível, do real e do imaginário, e que designa precisamente a noção de carne? É no terceiro capítulo, "Rendre visible: Merleau-Ponty et Paul Klee", que M. Carbone introduz um princípio de resposta através da noção de *voyance*, talvez uma das mais interessantes de sua interpretação.

A noção de *voyance*, que M. Carbone encontra em um dos últimos cursos de Merleau-Ponty, "La ontologie cartésienne et l'ontologie d'aujourd'hui", acompanhada e reconstruída pelas análises do autor, mostra bem o esforço merleau-pontiano em exprimir em um vocabulário novo esta dinâmica particular que se produz entre o vidente e o visível uma vez que as relações entre o que se deixa ver e aquilo que permanece invisível não são mais separadas em dois mundos (platonicamente) diferentes.

A *voyance* designa um tipo de relação ao visível onde é recusada a separação dos campos sensoriais e do logos, das dimensões de atividade e de passividade. Isso que transcende o aparecer (o aparecer do sensível em todas as suas modalidades, aí compreendida

aquela relativa à linguagem) está aí diante, no aparecer ele-mesmo. E a *voyance* não faz mais que acolher a manifestação do sensível e de sua lógica própria, não segundo a maneira de um receptáculo passivo, mas ao contrário como um fazer ou como a atividade de fazer ver isto que se dá à ver através de nós.

Esta idéia de *voyance* põe em questão aquela, cara à tradição moderna, de representação. É precisamente isso que o quarto capítulo do livro, "Le philosophe et le cinéaste: Merleau-Ponty et le cinéma", tenta mostrar. Seguindo as raras análises merleau-pontianas sobre o cinema, e partindo da idéia nelas esboçada segundo a qual o cinema deveria ser pensado menos como uma nova forma de representação do movimento que como um novo movimento da representação, Carbone nos levará à substituir a idéia de representação por aquela de *voyance*. Desta perspectiva, o autor consegue de maneira exitosa dar conta do fenômeno da imagem pensado como figura de precessão recíproca, isto é, não como figura de reenvio, ou seja, não como uma segunda coisa com respeito ao real, mas como uma figura que nos permite ver o real e que, neste sentido, participa de uma certa reversibilidade com ele.

O quinto capítulo, "La lumière de la chair : instances antiplatoniciennes et traces néoplatoniciennes dans la pensée du dernier Merleau-Ponty", completa o esquema à obra nesta dinâmica da carne como Visibilidade através da noção de *lumière*, o que contribui igualmente ao esclarecimento da idéia sugerida anteriormente de um novo estatuto do sensível pensado sob a figura da *écran* e não mais do véu. Seguindo as pistas de referências até então pouco trabalhadas pela tradição fenomenológica, Carbone descobre elementos e referências neoplatônicas na reivindicação merleau-pontiana da luz como elemento do Visível, ele mesmo pensado como unidade – desta vez anti-platônico – de visível e de invisível.

Finalmente, após explorar este novo tipo de relação ao Ser que nos mostram a arte e outros domínios da experiência contemporânea (relação onde se embaralham as distinções entre o sensível, o inteligível, o real e o imaginário, o imanente e o transcendente, o interior e o exterior, o ver e o ser visto, etc), o último e sexto capítulo do livro, intitulado "Les idées sensibles entre vie et philosophie", coloca a questão do estatuto do sujeito e da filosofia no último percurso merleau-pontiano, assim como indica os desdobramentos que se seguem para além deste.

Desta maneira, as noções de idéia sensível, de imagem como figura de precessão recíproca, de *lumière* e de *écran* conduzem Carbone a uma concepção do sujeito bastante distanciada da idéia moderna de fundamento. O sujeito aparece aqui, ao contrário, como um espaço aberto no qual um certo tipo de acontecimento tem lugar: "Um acontecimento que consiste justamente na ocorrência simultânea da idéia e de nosso ser-furo (être-

creux)" (p. 154). O sujeito se mostra assim como lugar onde a gênese das idéias se produz, não enquanto fenômeno mental mas metafísico. E a filosofia, quanto a ela, se revela como indissociável da a-filosofia, isto é, destes domínios da experiência, tais como a arte ou as ciências contemporâneas, onde as mutações das relações ontológicas se mostram.

Enfim, com uma densidade que não se opõe à clareza de sua argumentação, o livro de M. Carbone nos oferece múltiplos elementos para darmos prosseguimento a esta reflexão com e mais além de Merleau-Ponty acerca das mutações que não cessam de operar nos laços do homem com o Ser.